

Ofícios casuais — um desafio e uma oportunidade para a edificação da comunidade

Martin Volkmann

1 — Introdução

Ofícios casuais¹ são uma parte normal da vida de uma comunidade. Regularmente são realizados batismos durante os cultos ou em celebrações especiais de Batismo; por ocasião de falecimentos, é normal a presença de alguém que dirija um ofício religioso. E mesmo que não seja mais tão automático como em épocas passadas, também por ocasião do casamento ainda se procura muito uma cerimônia na igreja. Qual é a importância desses eventos para a vida das pessoas individualmente e em seu relacionamento comunitário? São os ofícios casuais uma simples rotina no trabalho pastoral, uma mera conveniência social para as pessoas ou representam eles uma possibilidade toda especial para o desenvolvimento da vida comunitária?

A reflexão sobre este assunto não é muito frequente nesta revista ou em outras publicações de caráter científico, no âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Desde 1961, apenas dois artigos enfocam esta temática: em 1977, Wilfrid Buchweitz² analisa os ofícios casuais como uma ação comunitária. Destaca especialmente o seu caráter comunitário, não obstante nesse momento, por ser justamente um caso especial, estar no centro das atenções uma pessoa ou uma família. O outro artigo data de 1985. Nele Ali Harald Malschitzky analisa especificamente a dimensão missionária do Batismo³. Além destes dois artigos, os ofícios casuais foram tema de análise numa publicação especial da Série “Proclamar Libertação”⁴, em que particularmente a contribuição de Günter K. F. Wehrmann reflete sobre as possibilidades e dificuldades da celebração dos ofícios.

Além desses textos, os ofícios não receberam uma atenção mais aprofundada em publicações da IECLB⁵, apesar de os mesmos representarem um aspecto muito importante na vida das comunidades desta Igreja.

A finalidade deste estudo é retomar a reflexão em torno dos ofícios. Neste sentido encaro estas minhas colocações como estando em continuidade àquelas apresentadas por Wilfrid Buchweitz e Günter K. F. Wehrmann. Interessa-me aprofundar especialmente o desafio e a oportunidade que os ofícios casuais representam para a tarefa de edificação da comunidade. Início com um levantamento da importância dada aos ofícios pelos membros das comunidades. A seguir,

analiso o caráter ritual dos ofícios e em que medida eles atendem a uma necessidade humana. Num terceiro momento, volto as atenções para as dificuldades e os perigos implícitos na celebração dos ofícios. Concluo com reflexões sobre os desafios e as possibilidades que os ofícios representam para a edificação da comunidade.

2 — Ofícios — sua relevância na vida comunitária

A simples inserção numa comunidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil — e decerto não será diferente em outras igrejas — deixa perceber claramente quão importante é a realização dos ofícios para os membros das comunidades. Basta observar a realização regular de batismos nos cultos ou participar de sepultamentos realizados na localidade. Ou, se quisermos ser mais precisos, bastaria consultar os livros de registro de uma comunidade. Sem dúvida nenhuma, os ofícios ocupam lugar de destaque na mentalidade dos membros e nas atividades da comunidade.

Essa importância dos ofícios para os membros das comunidades pode ser observada da mesma forma nas conclusões de diversas pesquisas realizadas ao longo dos últimos 20 anos. Mesmo que essas pesquisas não tenham sido organizadas sob este enfoque específico, em todas elas, nas entrelinhas, em umas mais em outras menos, transparece este dado: os ofícios continuam sendo um elemento fundamental na vida comunitária.

Em meados da década de 70, Gerd Uwe Kliewer realizou uma pesquisa na Comunidade Evangélica de São Leopoldo sobre a relação “Membro-Comunidade-Sociedade”⁶. Com relação às atividades comunitárias, entre 11 atividades mencionadas, das quais os entrevistados deveriam escolher cinco, em ordem de prioridade, o culto desponta em primeiro lugar. Logo a seguir vem o ensino confirmatório e, em 9º lugar, os ofícios. Perguntados sobre as atividades reservadas ao pastor ou prioritariamente atribuídas a ele, novamente o culto aparece, em ambos, em primeiro lugar. Em 2º lugar surge o ensino confirmatório entre as prioritárias e os ofícios como as reservadas ao pastor. Percebe-se, pois, que os ofícios (considerando o ensino confirmatório, que sempre vem associado à confirmação, como integrante deste conjunto) têm grande importância para os membros.

Em 1982, André Droogers realizou, em comunidades do Espírito Santo, uma pesquisa sobre religiosidade popular luterana⁷. Em seu relato, Droogers dedica dois capítulos a assuntos relativos aos ofícios. Nas formas em que se manifesta a religiosidade em conexão com os ofícios, essas pessoas indicam, ao mesmo tempo, a importância que os mesmos têm em suas vidas. Por exemplo, na idéia de que a criança não-batizada não seria salva, de maneira que as pessoas buscam batizar seus filhos logo após o nascimento. Outros elementos em que transparece a importância do Batismo são as “Lembranças de Batismo” emolduradas e afixadas

na parede, bem como os “Cartões de Batismo” (*Patenbrief* ou *Patenzettel*) que são entregues aos batizados pelos padrinhos e madrinhas⁸. Observações semelhantes também podem ser feitas em relação à confirmação, ao casamento e ao enterro⁹.

Nos últimos anos foram realizadas duas pesquisas coordenadas por Nelson Kirst, a partir do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia. A primeira, sobre formação teológica e ministério pastoral na IECLB¹⁰. No relato sobre este levantamento, é interessante a observação que os autores fazem em conexão com uma questão quanto às ênfases colocadas no trabalho pastoral quando são mencionadas em 4º (último!) lugar atividades relacionadas com culto, pregação, ofícios, celebrações: “Mesmo aparecendo em último lugar na relação das ênfases colocadas no trabalho pastoral, é provável que estas atividades sejam as que ainda absorvem mais tempo no ministério”¹¹. Além disso, vale frisar que, em conexão com “atividades nas quais sentem-se menos à vontade”, os sepultamentos receberam 13,5% das indicações¹². Quer dizer, também nesta pesquisa transparece que os ofícios têm lugar de destaque no trabalho comunitário.

A mesma observação pode ser feita a partir dos dados da outra pesquisa, sobre “Culto e cultura em Vale da Pitanga”¹³. Na avaliação do item “Como acontece o relacionamento Deus-pessoas e pessoas-Deus”, as “celebrações, ofícios e outras atividades da comunidade” aparecem com o maior grau de indicação¹⁴. Além disso, na análise comparativa entre o grau de importância dado pelos membros e pelo pastor, os pesquisadores concluem: “Para as pessoas, passagens são um componente cultural de grande importância. Praticamente todas elas são consideradas nas prédicas e orações ou em eventos litúrgicos específicos. As mais presentes são: nascimento e iniciação (batismo, confirmação), matrimônio (bênção matrimonial), morte (sepultamento, lembrança de falecimentos, oração pelas pessoas enlutadas)”¹⁵.

Portanto, esses dados vêm a confirmar nossa afirmação de que os ofícios casuais têm um significado muito importante para as pessoas nas comunidades. Podemos dizer mais: eles representam um grande investimento de tempo dos obreiros no trabalho comunitário. Tanto mais incisiva se torna a pergunta pela oportunidade que os mesmos representam para a edificação de comunidade.

No entanto, não se pode deixar de observar também¹⁶ que cada vez mais pessoas procuram a Igreja justamente e apenas nesses momentos cruciais: para batizar a criança — porque ainda têm a consciência da necessidade do sagrado para o bem-estar da pessoa; para abençoar uma vida conjunta — porque têm a sensibilidade de que o relacionamento a dois não depende exclusivamente da vontade própria do casal; para acompanhar o sepultamento de um ente querido — porque é nesses momentos que a pergunta pelo sentido da vida se aguça. Certamente também haverá outros motivos menos “teológicos” (conveniência social, tradição, cerimônia bonita) que levam muitas pessoas a questionarem a validade da realização desses ofícios; mais ainda, questiona-se o ser-cristão de tais pessoas.

Sem dúvida, na sociedade moderna mudou profundamente a relação com a Igreja. Passou o período de cristandade quando a Igreja dominava e determinava todos os âmbitos da vida. Passou a época em que todos pertenciam à Igreja. Hoje o que caracteriza principalmente a vida em ambiente urbano é uma religiosidade seletiva. Não se pertence automaticamente a determinada Igreja, mas se opta pela associação religiosa à qual se quer pertencer. Além disso, sobretudo entre pessoas ligadas a igrejas históricas, seleciona-se entre as diversas ofertas da comunidade, sem que se busque necessariamente um envolvimento com todos os setores e em todos os momentos com a comunidade¹⁷. E nesta opção seletiva os ofícios são, talvez, os momentos mais importantes, mais procurados. Justamente por causa da individualização e privatização que a vida moderna representa também em termos de opção religiosa, esses momentos cruciais na vida são ocasiões de busca, de volta. Por isso se levanta novamente com muita insistência a pergunta pela importância e potencialidade dos ofícios para a edificação da comunidade.

3 — Os ofícios — uma necessidade antropológica

Os ofícios casuais estão associados a casos específicos, ou seja, em conexão com situações bem específicas na vida de pessoas são realizadas determinadas celebrações em que a Igreja procura marcar presença bem concreta nesse momento. Considerando apenas os ofícios de Batismo, confirmação, bênção matrimonial e sepultamento, aos quais estamos dando maior atenção neste momento, podemos observar que eles estão associados a momentos bem especiais na vida dessas pessoas: são os momentos de passagem de um estado para outro. E todos esses momentos, em todos os povos e culturas, vêm acompanhados de um determinado ritual. São os ritos de passagem. Portanto, os ofícios do Batismo, da confirmação, da bênção matrimonial e do sepultamento são esses ritos de passagem em que a Igreja procura acompanhar as pessoas neste processo de desenvolvimento da própria pessoa. Qual a importância dos ritos na vida das pessoas¹⁸?

Antes de mais nada, importa destacar que toda a nossa vida está ritualizada. Pois a cada dia, diante da mesma situação, repetimos o mesmo gesto, tomamos a mesma atitude. Cada qual tem a sua maneira de iniciar o dia: vestir-se, fazer a higiene, alimentar-se, etc. Ao encontrar-se com uma pessoa conhecida, há o cumprimento: “Oi, tudo bem?” Dependendo da pessoa, este cumprimento vai ser mais ou menos formal. Quando chegamos à casa de alguém, não vamos entrando simplesmente. Tocamos a campainha, aguardamos sermos atendidos e convidados a entrar. Ao atendermos ao telefone, cada qual tem a sua maneira típica de responder: “Alô”; “Sim”; “Empresa tal e tal, bom-dia”, etc. Em suma, tudo o que fazemos seguidamente da mesma forma, na mesma situação acaba sendo um rito. E felizmente é assim. Caso contrário, teríamos que, a toda hora, inventar novas formas de nos portar e de nos relacionar. A vida se tornaria insuportável.

Dentro desse conjunto todo de vida ritualizada, há aqueles momentos especiais que caracterizamos como passagens de vida. A partir da análise da passagem de um território para outro, que era acompanhada de uma série de formalidades, van Gennep¹⁹ tira conclusões sobre as passagens de vida. Diferentemente de hoje, em que as divisas da maioria dos países são simples linhas imaginárias, entre tribos mais primitivas cada território está separado por uma faixa neutra, que van Gennep chama de margem. Esta margem, que estabelece o limite entre os dois territórios e que marca, portanto, a passagem de um para outro, também fica claramente perceptível nas cerimônias que acompanham essa passagem. Assim, essas passagens se processam em três fases: preliminar, liminar e pós-liminar²⁰. E a cada uma destas fases correspondem ritos específicos, de maneira que os ritos de passagem podem ser subdivididos em três categorias: ritos preliminares ou de separação e de despedida do mundo anterior; ritos liminares ou de margem, executados durante o estágio intermediário como preparação para o ingresso na nova fase; e ritos pós-liminares ou de agregação e integração no novo ambiente.

Analisando a nossa vida social, podemos constatar a existência dessas três categorias. Em certas situações, as três categorias de ritos podem ser observadas numa seqüência de acontecimentos. Por exemplo, quando o presidente da República viaja para o exterior, antes de embarcar no avião, passa a tropa em revista, transmite o cargo ao vice-presidente, despede-se das autoridades presentes (ritos de separação). Chegado ao país de destino, é recebido na escada do avião por uma autoridade local, é saudado por uma banda de música e passa a tropa em revista (ritos liminares). No encontro com o mandatário do país visitado, há discurso de boas-vindas, troca de presentes, banquete de recepção (ritos de agregação). Outro exemplo: em formaturas há primeiro os exames finais e, possivelmente, a festa pela aprovação (ritos de separação). O ato de formatura inicia com a entrada dos/as formandos/as, sessão solene e entrega dos diplomas (ritos liminares). Entre os ritos de agregação podem ser mencionados os cumprimentos e a festa.

Geralmente, porém, essas três categorias não vêm conjugadas numa seqüência como a que observamos acima. Há momentos em que a ênfase recai mais destacadamente em ritos de separação. Por exemplo, numa festa de despedida para alguém que se transfere do emprego ou na despedida do visitante à saída da casa. Em outros momentos a atenção se volta para os ritos liminares. Por exemplo, em cidades turísticas há os pórticos à entrada das mesmas, onde geralmente os visitantes são recepcionados com cerimoniais de boas-vindas, entrega de folhetos de informações, etc. É bem verdade que, em nossas sociedades, esta margem é bastante reduzida, não tendo aquele destaque que há entre tribos primitivas, como van Gennep descreve com detalhes²¹.

Olhando mais especificamente para a vida religiosa, podemos perceber da mesma forma esses três elementos, mesmo que, como já observamos há pouco, em certos momentos haja um destaque maior para um, em outros, atenção maior para outro aspecto. Por exemplo, no Batismo de crianças há, sem dúvida alguma,

um destaque maior para o rito de agregação: ênfase no nome, às vezes com nome especial de Batismo, a realização do Batismo no culto comunitário. Mas também permanece, em algumas liturgias, o elemento de separação: negação a Satanás, além disso, a imersão, representando o morrer do velho ser, para ressurgir uma nova pessoa. Em relação à confirmação, todo o período de ensino confirmatório pode ser encarado como rito liminar. Já o ato da confirmação em si, a acolhida na comunidade reunida, a celebração da Ceia (muitas vezes pela primeira vez) são evidentemente ritos de agregação. No casamento, há claramente os ritos de separação: a despedida de solteiro do noivo, o “chá de panela” para a noiva, a entrega da noiva, pelo pai, ao noivo, que já foi deixado anteriormente pela mãe diante do altar. A bênção matrimonial em si pode ser considerada rito liminar. Os cumprimentos, os presentes e a festa são claramente ritos de agregação. Em relação ao sepultamento, pode-se dizer que se misturam ritos preliminares e liminares. Toda a preparação do cadáver (banho, vestir) e, posteriormente, a despedida, o fechamento do caixão e da sepultura, a ornamentação da sepultura são ritos de separação. Já todo o velório em si é um rito liminar. Por sua vez, a visita posterior à família enlutada, a comunicação do falecimento no culto são ritos de agregação. Olhando, porém, o sepultamento como um todo, destaca-se em especial o caráter ritual de separação, enquanto no Batismo há uma ênfase maior no rito de agregação.

Tudo isso vem confirmar a importância decisiva que os ritos têm na vida das pessoas, em especial nesses momentos de passagem. Porque nesse momento a pessoa se encontra diante do novo. E aí é normal que ela sinta curiosidade pelo novo e, ao mesmo tempo, insegurança diante do desconhecido. Assim, o rito ajuda a superar a intranquilidade de se ajustar ao novo²². Apesar de toda a racionalidade, individualismo, espírito científico da vida moderna, o rito continua sendo uma necessidade fundamental da pessoa humana. Ninguém consegue viver sem ritos. Ninguém consegue relacionar-se, interagir com outras pessoas sem que haja ritos. Onde não se considera esta necessidade fundamental do ser humano, também não se respeita essa pessoa em sua integridade. Além disso, convém destacar o caráter comunitário desses ritos. Mesmo que o rito diga respeito a uma pessoa em especial, ele sempre é um acontecimento coletivo. “O importante é que esses ritos sempre têm uma perspectiva familiar e social. Eles afastam a desordem e distúrbio criados quando um novo membro entra no grupo familiar através de nascimento ou casamento, (...) quando um membro se afasta do grupo ou morre. Assim esses ritos são fatores fortes para manter a ordem da sociedade, estruturar a vida dos indivíduos e definir responsabilidades.”²³

Mas há necessidade de ritos de cunho religioso? Não bastam os ritos de caráter social? É teologicamente justificável levar em consideração essa necessidade antropológica de ritos nas atividades da Igreja e na forma de suas celebrações?

Quanto à primeira parte da pergunta, também os ritos de cunho religioso têm caráter social. Neste sentido, esses ritos cumprem simultaneamente uma função social. Eles contribuem para a integração da pessoa em seu grupo. Por outro lado,

momentos de passagem, que causam curiosidade e insegurança, fascinação e medo — nesses momentos a pessoa percebe que a vida é mais do que os fatos concretos, a realidade nua e crua. O sentido da vida transcende o real, o cotidiano. Nessas situações limítrofes da vida, que os momentos de passagem sem dúvida representam, surge a pergunta pelo sentido da vida. E, assim, em meio à profanidade da vida, surge a pergunta pelo sagrado. Portanto, apesar de um certo distanciamento das igrejas tradicionais e de um pluralismo em termos de ofertas de caráter religioso — o que, por sua vez, vem ao encontro do individualismo e do consumismo também em termos de valores simbólicos — apesar de tudo isso a necessidade religiosa das pessoas continua tão atual como em todos os tempos. Justamente a grande procura pelo místico, a atenção para os centros energéticos, o despertar do elemento carismático em todos os níveis — tudo isso evidencia que a pessoa precisa ser atendida nesta sua necessidade vital. E se justamente nessas passagens de vida há pessoas que vêm a importância dos ofícios, conforme pudemos constatar na primeira parte, é que eles desempenham determinada função neste momento. Pois passagens de vida representam momentos de crise. Crise interpessoal, porque a chegada de um novo ser (nascimento, casamento) ou a partida de alguém (morte) perturba o equilíbrio do grupo. Crise intrapessoal, porque experiências profundas (luto, alegria) precisam ser trabalhadas e assimiladas. O ritual do ofício ajuda a restabelecer tal equilíbrio²⁴.

Quanto à justificativa teológica de se considerar a necessidade antropológica de ritos, pode-se apontar ainda para o seguinte aspecto: ao se encarnar no Jesus de Nazaré, Deus assumiu, neste homem Jesus, toda a natureza humana, também nesta sua necessidade de ritos em sua vida. Deus manifestou o seu amor profundo pelo ser humano justamente ao se tornar semelhante a ele. E Deus demonstra esse amor aceitando também essa necessidade de ritos. Se, de um lado, Deus se dá a conhecer ao ser humano em meio à realidade concreta da vida, também em meio aos ritos, o ser humano, por sua vez, responde a esta manifestação de Deus através de ritos.

Esse sim de Deus ao rito se evidencia, não por último, no fato de o próprio Jesus ter observado determinados ritos religiosos de seu tempo. Por exemplo, tendo sido circuncidado (Lc 2.21) e tendo visitado o templo e oferecido o sacrifício (Lc 2.22-24), deixando-se batizar (Mc 1.9-11), participando de uma festa de casamento (Jo 2.1-12), indo para Jerusalém por ocasião de festas litúrgicas, especialmente a páscoa (Lc 2.41s.; Jo 2.13; 5.1; 7.1,10; 10.22s.; 12.12ss.). Além disso, a instituição da Santa Ceia se dá em conexão com a celebração da ceia pascal (Mt 26.20ss.). Esta ceia pascal era um rito, e a Eucaristia, que a comunidade passou a celebrar para lembrar aquela última ceia e, com ela, atualizar constantemente a morte e ressurreição de Jesus, também tem esse caráter de rito. Logo, a síntese do que significa o evento Jesus Cristo está embutida nesse rito da Eucaristia. E o mesmo vale em relação ao Batismo (Mt 28.19s.; Rm 6.3ss.).

Portanto, é teologicamente justificável, mais ainda, é uma exigência teológica que se leve em consideração essa necessidade antropológica de ritos. “O ser

humano necessita do rito, principalmente em situações de iniciação e passagem. O rito exerce uma função psicossocial; contribui para a estabilidade emocional e social.”²⁵

4 — Dificuldades e perigos em torno dos ofícios

Nossa preocupação no capítulo anterior foi uma aproximação positiva em relação ao rito, que é um dos aspectos marcantes dos ofícios. Descobrimos que os ofícios casuais, neste seu caráter ritual, vêm ao encontro de uma necessidade das pessoas. Mas não se pode deixar de considerar que também há ou pode haver uma série de dificuldades em torno desses ritos.

Iniciemos por onde concluímos no capítulo anterior. Tínhamos visto que o próprio Jesus assume o rito e o incorpora em sua prática. Incondicionalmente? Não! Apesar de Jesus se adequar à prática religiosa de seu tempo, ele não o faz acriticamente. Vejamos alguns exemplos.

A vida religiosa na época de Jesus está centrada em torno do templo e da sinagoga²⁶. Mesmo que tenha sido oferecido o sacrifício de purificação depois de seu nascimento e circuncisão (Lc 2.21ss.) e mesmo que ele tenha concordado em pagar o tributo ao templo (Mt 17.24-27), Jesus toma uma atitude muito crítica frente ao templo e aos ritos sacrificiais ali realizados. Basta lembrarmos algumas passagens: Mc 11.15-19; 12.32-33; 13.2; 14.58; 15.29; Mt 17.27. Em todas essas passagens transparece uma desvalorização dos sacrifícios como meio de regular o relacionamento entre Deus e os seres humanos; logo, um questionamento do próprio templo²⁷.

O mesmo vale em relação a determinados aspectos da sinagoga, ou seja, no que diz respeito ao ensino, principalmente referente aos ritos de pureza/impureza (Mc 7.1-23), respectivamente à observância do sábado (Mc 2.23-28; 3.1-6).

Assim, parafraseando o dito de Jesus, podemos dizer: “O rito foi estabelecido por causa do ser humano, e não o ser humano em função do rito.” Jesus valoriza o rito; ele é um meio de concretizar a presença de Deus. Mas é um simples meio; não pode se tornar um fim em si mesmo, que impede a percepção dessa encarnação de Deus. O rito é o vaso de barro no qual o evangelho é oferecido.

Quando o rito se torna um fim em si mesmo? No momento em que os ofícios são realizados apenas como rito, sem que o conteúdo do evangelho esteja no centro. Por exemplo, o Batismo de crianças pode tornar-se mero rito quando as pessoas o procuram por simples conveniência social, sem terem consciência ou estarem seriamente interessadas no significado do mesmo para a criança. Algo semelhante vale em relação à confirmação.

Outra situação em que o rito pode se tornar incompatível com o evangelho é quando ele se petrifica, ficando rígido e fechado. Neste momento ele passa a ser

compreensível apenas para um grupo restrito de pessoas, deixando, assim, de cumprir exatamente aquela função de integração e restabelecimento do equilíbrio. Além disso, rígido e fechado, o rito impossibilita a comunicação entre Deus e as pessoas: impede que o evangelho se encarne e que as pessoas, em resposta, louvem a Deus.

Há ainda um terceiro aspecto em que o rito, como rito, pode se tornar um perigo. Não mais tanto como fim em si mesmo, mas como meio, desta vez, como meio de barganha, de negócio com Deus. É o que já acontecia no culto vétero-testamentário e que fora tão severamente criticado pelos profetas: Jr 7.1-15; Os 6.1-6; Am 5.21-27. É o que pode ocorrer também com os nossos ofícios quando, por exemplo, se pede o Batismo de emergência, na expectativa de que, com isso, a criança recupere a saúde. Ou quando se solicita a Santa Ceia para um enfermo idoso, com o objetivo de, com isso, garantir a sua aceitação por Deus na hora da morte. Ou quando se entende o Batismo de forma mágica, mecânica: basta batizar que aí a salvação está garantida, sem levar em consideração a fé e a vivência diária do Batismo²⁸.

Até aqui enfocamos os perigos que os ofícios correm especialmente em seu caráter de rito. Vejamos ainda outros aspectos em que eles podem deixar de cumprir a sua finalidade. Sobre isso Günter K. F. Wehrmann tece profundas considerações em seu estudo²⁹. Ele aponta para quatro perigos na celebração dos ofícios: a) O perigo da clericalização, referindo-se ao monopólio do pastor de presidir os ofícios que tem como consequência, por um lado, a marginalização da comunidade e, por outro, a sobrecarga do pastor. b) O perigo da comercialização de ofícios, quando pessoas com pouco envolvimento na comunidade exigem o direito ao ofício, sob o argumento de que estão em dia com a contribuição financeira para a comunidade (veja o que dissemos acima sobre o perigo da barganha). c) O perigo de fazer dos ofícios a grande oportunidade missionária, ou seja, de se aproveitar a presença daquelas pessoas que nunca aparecem para “despejar o verbo”. d) O perigo da absolutização do caso, ou seja, levar mais em consideração as pessoas e a oportunidade poimênica, desvalorizando o ofício em si.

Wehrmann aponta para os perigos mais flagrantes. De um lado, a situação humana — seja a sobrecarga do pastor, seja a mentalidade comercial das pessoas — leva a que o momento do ofício seja desperdiçado como *kairos*³⁰. Ou seja, o fato de o pastor centralizar em sua pessoa todo o trabalho comunitário e, conseqüentemente, tudo o que diz respeito aos ofícios, leva a que ele não tenha condições — emocionais, de tempo, de preparo — para dar a devida atenção aos ofícios. Além disso, por as pessoas não terem uma vida comunitária engajada e buscarem a comunidade apenas nessas ocasiões, elas, por sua vez, correm o risco de não perceberem esse momento em sua real dimensão. Por outro lado, a preocupação exagerada em não perder o *kairos*, ou seja, de não deixar passar a oportunidade missionária e/ou poimênica do momento, pode levar a que, de fato, também aí o evangelho saia prejudicado.

Portanto, devemos ter consciência de que em relação aos ofícios casuais podem ocorrer — e de fato ocorrem — uma série de problemas. No entanto, livrar-se desses perigos pela simples negação de oficiá-los também não é solução. Em lugar disso, é necessário conscientizar-se da importância que os mesmos têm para as pessoas, respectivamente das potencialidades que eles representam para a atuação da comunidade. Se o rito é uma necessidade humana, se as pessoas procuram a Igreja para a realização dos ofícios e se os ofícios são a oportunidade de a Igreja ir ao encontro das pessoas com a sua mensagem nesse momento de passagem, é fundamental que se busque o equilíbrio entre as necessidades na situação das pessoas e a exigência do evangelho.

Isso nos leva a concluir novamente que os ofícios casuais são uma oportunidade toda especial de a Igreja desempenhar a sua missão, qual seja, a de levar a sua mensagem às pessoas nesse momento, nessa situação específica. “Em Jesus Cristo ele se apresentou como o Deus gracioso (...) e se colocou como *kairos* no curso do tempo histórico que passa. Desde então, todos os momentos podem ser relacionados com ele e ser tomados e enfrentados como chamado para a graça. Nos ofícios da Igreja Deus quer aparecer como o Deus gracioso.”³¹

5 — Ofícios como desafio e oportunidade para a edificação da comunidade

A prática pastoral demonstra e as considerações sobre as necessidades antropológicas com relação ao rito também comprovam que não apenas pessoas com profunda identificação e grande engajamento comunitário buscam o acompanhamento da Igreja nos momentos de passagem. Pelo contrário, nesses momentos um grande número de pessoas sem vínculo muito profundo com as atividades comunitárias se lembram da comunidade. Por exemplo, é ainda praxe muito difundida a de deixar batizar as crianças pequenas e, mais tarde, encaminhá-las ao ensino confirmatório ou catequese. Outrossim, muitos casais ainda buscam marcar a sua vida matrimonial sob a bênção de Deus. E, em especial, por ocasião da morte a presença da Igreja é solicitada quase que impreterivelmente. Assim, os ofícios são, para muitas pessoas, o momento de encontro/reencontro com a Igreja. Um encontro autêntico?

Muitas pessoas não consideram os ofícios uma oportunidade muito significativa para o engajamento da Igreja. Nem tanto por não apostarem nas possibilidades que aí se oferecem, mas mais por não confiarem na autenticidade das pessoas que procuram a Igreja nessas ocasiões. Fala-se dos “cristãos de quatro rodas”, ou seja, dos chamados cristãos que só se lembram de Deus e da comunidade nesses quatro momentos de passagem.

No entanto, será que essa situação é meramente culpa dessas pessoas? Ou o que ocorre é que elas foram acostumadas a isso? A prática comunitária, em muitos

sentidos, não assume caráter de prestadora de serviços que se procuram quando se sente necessidade deles? Por exemplo, pela “obrigatoriedade” do Batismo infantil, mesmo que os pais não tenham um engajamento na vida comunitária e, conseqüentemente, não estejam em condições de educar seus filhos na fé. Assim, o Batismo se torna algo mecânico³², sem qualquer dimensão missionária³³. Algo semelhante vale em relação à confirmação que, ao invés de motivar e preparar para a vivência comunitária, “expulsa” os jovens da Igreja. E a ida à igreja por ocasião do casamento muitas vezes se deve mais à beleza da cerimônia do que à consciência do que representa a bênção de Deus para a vida matrimonial.

Sem dúvida, isso não corresponde ao que é uma comunidade e o que cabe a uma comunidade. As reflexões sobre os perigos no capítulo anterior já deixaram claro que, no trabalho comunitário, se corre o risco de ver os ofícios e, conseqüentemente, a vida comunitária mal interpretados nesse sentido.

Mesmo assim, defendo a tese de que os ofícios são uma real possibilidade para a edificação da comunidade³⁴. Os momentos que as pessoas selecionam para demonstrar e reativar a sua religiosidade não podem ser desprezadas como *kairos* no *chronos* da vida para recordar que, a partir de Jesus Cristo, todo o mundo jaz sob a graça de Deus. E, ao recordar este fato colocado por Deus, oferecer às pessoas a oportunidade de viver sob essa graça.

Porém — e isso precisa ser dito com a mesma veemência da afirmação anterior — esse anúncio da graça não pode redundar numa graça barata. Justamente para evitar isso é que defendo, ampliando a tese anterior, a necessidade da vinculação dos ofícios com a edificação da comunidade. Pois somente quando a celebração dos ofícios estiver entrelaçada com outras atividades e ofertas comunitárias afins, tal objetivo será alcançado. Caso contrário, se se ficar apenas nos ofícios em si, o risco é muito grande de os pastores continuarem a ser meros “mestres de cerimônia”, as pessoas, apenas consumidores, e os ofícios, simples ritos. Para que o evangelho preencha o rito e o significado do ofício não se esgote na realização do ato em si, é imprescindível a vinculação do ofício com outras ofertas da comunidade. À semelhança da passagem e do rito de passagem, que se desenrolam em três momentos, também em relação aos ofícios devem-se considerar três aspectos: antes, durante e depois da celebração do ofício. Vejamos, a seguir, o que isso significa de maneira concreta em cada um dos quatro ofícios que nos interessam mais diretamente aqui.

Antes disso, porém, ainda um aspecto que vale para todos os ofícios e, de certa forma, também para outras ofertas “casuais” da Igreja.

Os ofícios são para muitos membros um tanto distanciados e também para pessoas totalmente afastadas da comunidade a única oportunidade de contato com a Igreja, com o evangelho. No quero entrar aqui na discussão sobre se tais pessoas, por terem sido batizadas e constarem no rol de membros de uma comunidade (os chamados “cristãos de fichário” ou, como se diz em alemão, *Karteileichen* —

“defuntos de arquivo”), são ou não são cristãos. Parto do pressuposto de que, sendo a salvação obra exclusiva de Deus que nos é oferecida graciosamente no Batismo, essas pessoas batizadas pertencem ao povo de Deus. O que lhes falta é a consciência deste tesouro que já lhes foi dado. Falta-lhes a fé consciente, amadurecida, assumida de que já têm parte em algo de que nem se aperceberam, a saber, a salvação eterna.

Ora, se por ocasião de cada ofício e de outras oportunidades casuais, tais como retiros, palestras, encontros, isso é dito com toda a clareza, os ofícios (e aquelas outras oportunidades casuais) se tornarão uma excelente oportunidade missionária e o ponto de partida para a integração dessas pessoas na vida da comunidade. E aí a edificação de comunidade já está em pleno andamento.

No entanto, voltando novamente aos perigos apontados em terceiro e quarto lugar por Wehrmann³⁵, não é possível valorizar demais esse momento, concentrando toda a atenção no ofício em si. Neste sentido há de se concordar com Rudolf Bohren, que questiona as possibilidades missionárias dos ofícios³⁶. No momento em que se concentra toda a atenção no ofício em si, apostando todas as fichas na pregação nessa ocasião, sobrecarrega-se o pastor, exigindo demais dele e menosprezam-se as pessoas, querendo transformá-las, assim, em freqüentadores assíduos da vida comunitária. Portanto, lembrando o que dissemos acima, assim como no rito de passagem há três momentos, também em conexão com os ofícios, com vistas à edificação da comunidade, há de se considerar três momentos: antes, durante e depois da celebração do ofício³⁷.

5.1 — Batismo

Conforme *Nossa fé — nossa vida*³⁸, na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil existe a modalidade de se batizar crianças e adultos. É bem verdade que a prática mais difundida é a de batizar crianças. No entanto, também batismos de adultos já ocorrem com naturalidade em diversas comunidades da IECLB. Não convém entrar aqui no mérito da pergunta sobre qual das duas modalidades é a mais conveniente. O fato de ambas as modalidades serem reconhecidas como válidas na IECLB é sinal de que ambas são válidas. Por isso, uma das tarefas mais importantes a serem feitas na comunidade é justamente essa informação de que existem ambas as modalidades. Suspeito que em muitas comunidades isso não seja do conhecimento dos membros. Porque, no momento em que as pessoas levantam essa pergunta pela ocasião mais apropriada de se realizar o Batismo — como infante ou como adulto —, nesse momento já há todo um caminho andado em cima da pergunta pelo significado do Batismo. Por isso, periodicamente nas pregações, em reuniões de estudo do presbitério, em encontros de casais, enfim em todos os possíveis momentos de estudo e reflexão essa questão deve ser analisada. Não por último, em encontros de preparação para o próprio Batismo, mesmo que seja com pais e padrinhos que desejam batizar sua criança.

Com essa observação final, já nos referimos a algo que julgamos imprescindível antes de officiar qualquer Batismo: um momento de preparação prévia. Tratando-se de Batismo de adultos, é óbvio que lhe antecede a catequese, a instrução na fé, à semelhança do que ocorria na Igreja Antiga com os catecúmenos. Isso pode ocorrer em conexão com o ensino confirmatório (tratando-se de adolescentes) ou em cursos específicos, tratando-se de pessoas adultas. Esses cursos inclusive poderiam ser uma oferta regular da comunidade para seus membros já batizados, um tipo de “catecumenato permanente”, ao qual se integrariam novos membros, pessoas não-batizadas. Experiências nesse sentido foram feitas na Comunidade Matriz de Porto Alegre e na Comunidade de São Leopoldo sob o título “Celebrar e Viver”³⁹. Outra modalidade seria um programa de estudos do “Guia para a vida comunitária em fé e ação” *Nossa fé — nossa vida* ou do próprio Catecismo Menor de Lutero.

Em caso de Batismo de infantes, um contato prévio com pais e, de preferência, também com padrinhos/madrinhas seria o mínimo. Mas também poderiam ser programados encontros regulares com todos os envolvidos na semana que antecede o culto de Batismo. Christoph Schneider-Harpprecht e Valburga S. Streck vão além: “Preparação para o Batismo significa, por causa disso, quase que abrir uma escola para pais e mães. Em cursos para pais pode-se construir junto com eles um saber elementar sobre o cuidado de filhos pequenos, o desenvolvimento das crianças, doenças e a sua prevenção, bem como sobre regras básicas da educação (...) Igreja tem, a partir do Batismo, um compromisso com a vida.”⁴⁰

Com relação ao ofício em si, por o Batismo significar, entre outras coisas, a integração na comunidade de fé, ele deve ser officiado, salvo casos muito especiais, dentro do culto comunitário⁴¹. E aí convém determinar datas regulares (por exemplo, no primeiro domingo do mês) ou certas datas marcantes do calendário litúrgico (Páscoa, Pentecostes) em que o centro de toda a celebração e reflexão será o Batismo. Para que o ofício em si seja mais significativo, pode-se aproveitar a participação das crianças do culto infantil (trazer a água, fazer as orações, participar da bênção). Outra experiência na Comunidade de São Leopoldo, que está tendo uma repercussão muito significativa, é a entrega a cada criança batizada de uma vela com o desafio aos pais de que seja acendida a cada ano no dia do Batismo.

Com isso já estamos no “depois” do ofício. Para relembrar os pais da data, no primeiro aniversário de Batismo poder-se-ia enviar um cartão, convidando-os para participarem novamente de um culto de Batismo e, desta forma, atualizar o Batismo de seu filho. Novo cartão poderá ser remetido por ocasião do quinto ou sexto aniversário, convidando a criança para o culto infantil. Junto com tal correspondência poderá ser incluída uma relação ou folhetos de literatura para a educação na fé das crianças: livros de orações, a Bíblia para crianças.

5.2 — Ensino confirmatório/confirmação

Não vou entrar na discussão teológica em torno da confirmação⁴². Parto do pressuposto de que é uma prática teologicamente justificável para uma Igreja que aceita o Batismo infantil.

Considerando que ainda é uma tradição fortemente arraigada na maioria dos membros a de enviar seus filhos e filhas para o ensino confirmatório, este momento talvez seja a melhor oportunidade, em termos de realmente ter as pessoas à mão, de realizar um trabalho de edificação. É claro que esse costume vem associado a uma série de dificuldades (idade, obrigatoriedade de participação, falta de motivação ou incapacidade de explicar a razão deste ensino por parte dos pais). No entanto, pelo fato de os e as jovens estarem aí, o desafio é fazer do limão uma limonada. Importa tornar esse momento atraente e significativo para o momento de vida, tanto em termos didáticos quanto de conteúdo. Por exemplo, participação de pais no ensino; retiros; encontros mais espaçados (uma vez ao mês) com programação variada.

Onde o ensino confirmatório conseguiu fazer essa vinculação com a vida dos e das jovens, também o culto de confirmação não será uma formatura, mas sim o ponto culminante dessa caminhada que irá ter a sua continuidade depois. E aí importa envolver igualmente pais e jovens na preparação dessa celebração. Por exemplo, incluir a mensagem de um dos pais em nome de todos os demais. À semelhança do Batismo, também esta ocasião poderá ser marcada com uma lembrança específica: um livro relativo à data ou outra simbologia significativa ao longo da caminhada.

Quanto ao depois, importa que a comunidade seja um espaço ou ofereça espaços em que o jovem possa desenvolver-se de forma sadia: retiros, programações esportivas, de teatro, de música, de estudo. Isso poderá ser feito através de diferentes grupos de Juventude Evangélica (por idade, por área geográfica, por interesse). Mas isso não precisa estar restrito a esses grupos tradicionais. A comunidade pode contribuir também com outros setores em que há tal oferta: em escolas, em associações de bairro, no movimento popular. E ela poderá contribuir especialmente também encaminhando jovens de seu âmbito para cursos de formação de lideranças oferecidos através de diversos departamentos pela Igreja.

5.3 — Bênção matrimonial

À semelhança do Batismo, nenhuma bênção matrimonial deveria ser realizada sem que tivesse havido um diálogo prévio com o casal, em que são abordadas não apenas questões técnicas relativas ao ofício em si, mas com questionamento e esclarecimento sobre o sentido desse momento. O ideal seria que houvesse diversos encontros, de preferência com a participação de mais casais e com a colabo-

ração de pessoas de diferentes áreas (psicologia, medicina, direito), além do enfoque teológico. Toda essa atividade não precisa nem poderá ser feita pelo pastor ou outro obreiro. Poderá ser o encargo específico de determinadas pessoas, por exemplo, um grupo de casais.

No entanto, para que o ofício em si possa ser significativo, tanto para o oficiante quanto para o casal, é importante que haja um diálogo anterior para que o pastor não fale a desconhecidos. Assim, sua mensagem poderá ser melhor contextualizada. E quanto mais participativa for esta celebração — canto, música, leituras por parte de padrinhos, compromisso mútuo ao invés de simples resposta à pergunta —, tanto mais marcante este momento será para a continuidade da caminhada.

Com relação ao depois, este é um período muito longo, pois implica toda a vida matrimonial e familiar do casal. Por isso a atenção para os aspectos anteriores — Batismo, ensino confirmatório — automaticamente inclui o casal. Além disso, porém, a comunidade poderá ser um ótimo espaço para o casal no acompanhamento com vistas a enfrentar e superar as crises normais da vida matrimonial e familiar⁴². Nesse sentido os grupos de casais estão sendo esse espaço; além disso, uma boa oportunidade de integração e de envolvimento no trabalho comunitário.

5.4 — Sepultamento

Se nos casos anteriores sempre havia um bom espaço para uma atenção maior às pessoas antes do ofício, no caso do sepultamento isso é impossível. Tanto mais importante é que esse curto espaço de tempo seja devidamente aproveitado pela comunidade para acompanhar a família enlutada. Por exemplo, através da presença no velório. Onde isso for possível, também o pastor deveria estar presente por alguns momentos, inclusive para colher subsídios para sua pregação.

O ofício em si precisa ser encarado com a máxima seriedade, especialmente a partir do que observamos sobre a importância antropológica do ritual: é a separação definitiva⁴³. Por isso toda a liturgia, incluindo a alocação, deve estar voltada para as pessoas que ficam, ajudando-as nesta passagem de despedida final e encaminhando-as para a integração e agregação à nova situação.

Por isso o ofício do sepultamento requer uma atenção especial para o momento posterior⁴⁴. Considerando as diversas fases do luto⁴⁵, justamente nesse período posterior à perda de alguém é que a pessoa necessita do acompanhamento e da proximidade de outras pessoas para poder superar a ausência e se readaptar à nova situação. Exatamente nesse aspecto reside a grande tarefa e oportunidade para a comunidade de, ao ser ajuda para as pessoas nessa situação, oferecer acolhida, integração e espaço em seu meio para reorganizar a vida. Concretamente isso pode acontecer da seguinte forma:

- a) No culto em que se comunica o falecimento e se intercede pela família

enlutada, deve-se não simplesmente informar o fato como outro qualquer, mas procurar uma forma poimênica de fazer essa comunicação à comunidade (por exemplo, fazendo alguma referência à pregação por ocasião do sepultamento ou a algum hino do hinário ou uma passagem bíblica importante para a pessoa/família).

b) Em conexão com essa comunicação, incumbir e “enviar” pessoas próximas (amigos, vizinhos) para, em nome da comunidade, visitar a família enlutada.

c) Na Comunidade de Novo Hamburgo/Ascensão há o “Grupo de Apoio a Enlutados”. Este grupo “surgiu a partir da necessidade de irmãos se unirem em torno de um mesmo sentimento: a dor e a saudade pela perda de uma pessoa querida”⁴⁶. Ele se reúne todas as quartas-feiras, sendo “um lugar onde sempre há alguém com tempo e ouvidos abertos para escutar os que sofrem”. Portanto, não é um grupo de pessoas apenas preocupadas em fazer algo em favor de quem sofreu uma perda; ele reúne os próprios enlutados. Quando falece um membro da comunidade, o grupo envia um cartão aos familiares, faz visitas e realiza cultos nos cemitérios na Páscoa e em Finados.

6 — Conclusão

Partimos da constatação de que os ofícios são o momento em que a Igreja é especialmente procurada, inclusive por pessoas um tanto distanciadas. Logo, os ofícios são uma ocasião toda especial de encontro da Igreja com essas pessoas. Essa oportunidade foi se tornando ainda mais evidente à medida que fomos refletindo sobre a importância dos ritos na vida das pessoas.

A combinação desses dois fatores — procura da Igreja apenas nessas ocasiões e a necessidade humana de ritos — faz com que a realização dos ofícios possa descambar para dois extremos: ou os pastores se tornam meros mestres-de-cerimônias ou esse momento se torna a oportunidade missionária, sem levar em consideração a situação específica em que se encontram as pessoas.

Evitar esse dois extremos é levar a sério a necessidade antropológica das pessoas e é aproveitar o *kairos* de anunciar a proximidade de Deus e a oferta de comunhão que Ele oferece na sua comunidade.

Por isso os ofícios continuam sendo uma excelente oportunidade e um grande desafio com vistas à edificação da comunidade.

Bibliografia

1. Ofícios em geral

- BOHREN, R. *Unsere Kasualpraxis — eine missionarische Gelegenheit?* 4. ed. München : Chr. Kaiser, 1968. (Theologische Existenz heute, 147).
- BUCHWEITZ, Ofícios casuais — uma ação comunitária. *Estudos Teológicos*, v. 17, n. 2, p. 93-101, 1977.
- DROOGERS, A. *A religiosidade popular luterana* : relatório sobre uma pesquisa no Espírito Santo, em julho de 1982. São Leopoldo : Sinodal, 1984.
- GENNEP, A. van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis : Vozes, 1978.
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa fé — nossa vida* : um guia de vida comunitária em fé e ação. São Leopoldo : Sinodal.
- KIRST, N. (Coord.). *Culto e cultura em Vale da Pitanga*. Polígrafo, 1995.
- KLIEWER, G. U. Questionário sobre a relação Membro-Comunidade-Sociedade. In: BURGER, G. (Ed.). *Quem assume esta tarefa?* : um documentário de uma Igreja em busca de sua identidade. São Leopoldo : Sinodal, 1977. p. 157-167.
- . Cômputo de dados sobre a relação Membro-Comunidade-Sociedade. In: BURGER, G. (Ed.). *Quem assume esta tarefa?* p. 169-188.
- . Uma comunidade evangélica frente aos problemas sociais e à atuação sócio-política da Igreja. In: BURGER, G. (Ed.). *Quem assume esta tarefa?* p. 189-211. (Também publicado em *Estudos Teológicos*, v. 17, n. 1, p. 5-23, 1977.)
- . O sacramento — passagem para o outro mundo. *Estudos Teológicos*, v. 20, n. 3, p. 163-174, 1980.
- RIESS, R. Die Krisen des Lebens und die Kasualien der Kirche. *Evangelische Theologie*, v. 35, n. 1, p. 71-79, 1975.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, C., STRECK, V. S. *Imagens da família* : dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar. São Leopoldo : Sinodal, 1996.
- SEITZ, M. Nossos ofícios casuais — uma oportunidade de culto? In: ID., *Prática da fé* : culto, poimênica e espiritualidade. São Leopoldo : Sinodal, 1980. p. 36-42.
- SCHWALM, M., KIRST, N. Formação e ministério pastoral na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). *Estudos Teológicos*, v. 34, n. 3, p. 262-275, 1994.
- WEHRMANN, G. K. F. Chances e perigos da celebração de ofícios na comunidade. In: MOLZ, C., WEHRMANN, G. K. F. (Coords.). *Ofícios* : estudos temáticos e auxílios homiléticos. São Leopoldo : Sinodal, 1988. p. 11-35. (Proclamar Liberdade, Suplemento 2).
- ZULEHNER, P. M. *Heirat — Geburt — Tod* : eine Pastoral zu den Lebenswenden. Wien/Freiburg /Basel : Herder, 1976.

2. Batismo

- ALTMANN, W. Sacramentos — túmulo ou berço da comunidade cristã? *Estudos Teológicos*, v. 20, n. 3, p. 127-142, 1980.
- BRAND, E. L. *Batismo* : uma perspectiva pastoral. São Leopoldo : Sinodal, 1982.
- MALSCHITZKY, H. A dimensão missionária do Batismo. *Estudos Teológicos*, v. 25, n. 2, p. 153-171, 1985.

3. Ensino confirmatório/confirmação

BOCK, V. F. et al. *Subsídios sobre o ensino confirmatório e a confirmação*. São Leopoldo : Sinodal, 1988.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Estudio sobre la confirmación. In: *FLM Documentación*, v. 38, 1995.

WACHS, M. *Confirmação na IECLB* : contribuições para um método. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo : IEPG, 1995.

4. Bênção matrimonial

BRUNKEN, W. A bênção matrimonial na perspectiva evangélica. In: *Ofícios, Suplemento 2*. p. 42-45.

CENTRO DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL. *Revista do CEM*, ano 5, 1982, n. 2, sob o título "Matrimônio em debate". Contém diversos artigos sobre assuntos relacionados com o casamento.

4. Sepultamento

CLINEBELL, H. *Aconselhamento pastoral*. São Leopoldo/São Paulo : Sinodal/Paulinas, 1987.

COLLINS, G. *Aconselhamento cristão*. São Paulo : Vida Nova, 1985.

DECKER, L. L. Uma experiência em pastoral urbana. *Pastoral Urbana* : Cadernos de estudos da RE IV, São Leopoldo, n. 2, p. 34-35, 1992.

HOCH, L. C. Acompanhamento pastoral a moribundos e enlutados. In: *Ofícios, Suplemento 2*. p. 58-82.

HÜRLIMANN, C. *Você partiu...* São Leopoldo : Sinodal, 1990.

JOSUTTIS, M. A realização do sepultamento. Ritual ou quérigma? In: ID. *Prática do evangelho entre política e religião*. São Leopoldo : Sinodal, 1980. p. 199-219.

WANGEN, R. A assistência pastoral no rito de sepultamento. In: *Ofícios, Suplemento 2*. p. 83-90.

Notas

- 1 Por "ofício casual" entende-se aquela celebração que ocorre em conexão com um momento especial (um caso especial; por isso, ofício casual). Isso pode ser um ofício sacramental (Batismo e Santa Ceia para enfermos) ou um ofício de bênção (ordenação ou instalação de obreiro, bênção matrimonial). Cf. Günter K. F. WEHRMANN, Chances e perigos da celebração de ofícios na comunidade, in: Cláudio MOLZ, Günter K. G. F. WEHRMANN (coords.), *Ofícios : estudos temáticos e auxílios homiléticos*, São Leopoldo : Sinodal, 1988, p. 11 (Proclamar Libertação, Suplemento 2). Assim como Wehrmann naquele artigo, também nós aqui temos em vista especialmente os ofícios do Batismo, da confirmação, da bênção matrimonial e do sepultamento em sua relevância para a edificação de comunidade. Além disso, o presente artigo retoma assuntos ali abordados; está, pois, em continuidade àquelas reflexões.
- 2 Wilfrid BUCHWEITZ, Ofícios casuais — uma ação comunitária, *Estudos Teológicos*, v. 17, n. 2, p. 93-101, 1977.
- 3 Harald MALSCHITZKY, A dimensão missionária do Batismo, *Estudos Teológicos*, v. 25, n. 2, p. 153-171, 1985.
- 4 Cláudio MOLZ, Günter F. K. WEHRMANN (coords.), *Ofícios*, op. cit. (a partir de agora sempre citado como *Ofícios, Suplemento 2*). Além disso, nos números XIX, XX e XXI de *Proclamar Libertação* estão publicados subsídios práticos para a celebração de ofícios.

- 5 Em publicações de obras traduzidas, a temática é abordada nos seguintes livros: Manfred JOSUTTIS, *A realização do sepultamento: ritual ou quérigma?*, in: ID., *Prática do evangelho entre política e religião*, São Leopoldo: Sinodal, 1982, p. 199-219; Manfred SEITZ, *Nossos ofícios casuais — uma oportunidade de culto?*, in: ID., *Prática da fé: culto, poimênica e espiritualidade*, São Leopoldo: Sinodal, 1980, p. 36-42.
- 6 Veja o questionário, bem como o cômputo dos dados, em Germano BURGER (ed.), *Quem assume esta tarefa?*: um documentário de uma Igreja em busca de sua identidade, São Leopoldo: Sinodal, 1977, p. 157-188. Veja também, na mesma coletânea, p. 189-212, a avaliação que Kliewer faz com base nos dados levantados: “Uma comunidade evangélica frente aos problemas sociais e à atuação sócio-política da Igreja”. O mesmo artigo encontra-se em *Estudos Teológicos*, v. 17, n. 1, p. 5-23, 1977.
- 7 André DROOGERS, *Religiosidade popular luterana*: relatório sobre uma pesquisa no Espírito Santo, em julho de 1982, São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- 8 ID., *ibid.*, p. 53ss.
- 9 *Ibid.*, p. 59ss. Veja, por exemplo, as seguintes afirmações: “A confirmação, além da interpretação oficial como integração da pessoa na comunidade e na fé, tinha uma função, mais popular, a de marcar a transição na vida da menina de uma fase — a da criança — para uma outra — a da namorada” (p. 58). O casamento “é, sem dúvida, a mais importante oportunidade que os pomeranos têm para interromper a rotina de cada dia (...). É a maior festa e a mais característica” (p. 60). Em relação ao enterro, Droogers aponta para os diversos costumes que se desenvolveram ao lado do rito oficial, executado pelo pastor, como fruto da religiosidade popular e que, ao mesmo tempo, demonstram novamente a importância que esses rituais têm na busca de sentido para o que está acontecendo (p. 62ss.).
- 10 Mauro A. SCHWALM, Nelson KIRST, *Formação e ministério pastoral na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)*, *Estudos Teológicos*, v. 34, n. 3, p. 262-275, 1994.
- 11 ID., *ibid.*, p. 266.
- 12 *Ibid.*
- 13 Nelson KIRST (coord.), *Culto e cultura em Vale da Pitanga*, 1995 (polígrafo).
- 14 ID., *ibid.*, p. 27.
- 15 *Ibid.*, p. 39.
- 16 Essa observação transparece também em algumas dessas pesquisas acima referidas. Por exemplo, no estudo sobre “Culto e cultura em Vale da Pitanga”, algumas pessoas entrevistadas têm um envolvimento apenas esporádico com a comunidade (p. 7s.). O mesmo vale em relação à pesquisa de Kliewer (op. cit., p. 169ss.).
- 17 Nos últimos anos, em diversas comunidades da IECLB, os encontros de casais passaram a ser uma dessas ofertas com boa aceitação e grande procura por pessoas pouco identificadas com a vida comunitária. Valeria a pena fazer um estudo à parte sobre a contribuição dos encontros de casais para a edificação da comunidade.
- 18 Valho-me, a seguir, especialmente de Arnold van GENNEP, *Os ritos de passagem*, Petrópolis: Vozes, 1978. Cf. também Günter K. F. WEHRMANN, *Chances e perigos*, p. 13ss., Gerd U. KLIEWER, *O sacramento — passagem para o outro mundo*, *Estudos Teológicos*, v. 20, n. 3, p. 163ss., 1980; Manfred JOSUTTIS, op. cit., p. 200ss.; Richard RIESS, *Die Krisen des Lebens und die Kasualien der Kirche*, *Evangelische Theologie*, v. 35, n. 1, p. 71ss., 1975, especialmente p. 77.
- 19 A. van GENNEP, op. cit., p. 34ss.
- 20 Os termos “preliminar”, “liminar” e “pós-liminar” caracterizam muito bem a passagem de um território para outro: ultrapassa-se o limite (*limen* = limite) de uma área e entra-se em outra, de maneira que o estado liminar é o encontrar-se numa margem, entre dois territórios, respectivamente entre duas situações de vida.

- 21 A. van GENNEP, op. cit., p. 70ss.
- 22 Cf. Gerd U. KLIEWER, Sacramento, p. 167.
- 23 Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, Valburga S. STRECK, *Imagens da família : dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*, São Leopoldo : Sinodal, 1996, p. 62. Cf. também Gerd U. KLIEWER, Sacramento, p. 168.
- 24 Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, Valburga S. STRECK, op. cit., p. 62. Cf. também Gerd U. KLIEWER, Sacramento, p. 168.
- 25 Günter K. F. WEHRMANN, op. cit., p. 14s. Cf. também Gerd U. KLIEWER, Sacramento, p. 173: “A igreja deve procurar uma prática sacramental que acompanhe as passagens sócio-psicológicas. Concretamente: é necessário criar ritos religiosos que podem ser realizados, quando alguém teve uma experiência de conversão e é recebido pelo grupo de crentes, quando alguém entra numa nova fase profissional (...) Os homens, nessas passagens, sentem muitas vezes a necessidade de um acompanhamento (...), de algo que lhes dê a sensação da presença concreta do sagrado”.
- 26 Cf. Martin VOLKMANN, *Jesus e o Templo : uma leitura sociológica de Mc 11.15-19*, São Leopoldo : Sinodal, 1992, especialmente p. 117ss.
- 27 ID., *ibid.*, p. 141ss.
- 28 Cf. Walter ALTMANN, Sacramentos — túmulo ou berço da comunidade cristã?, *Estudos Teológicos*, v. 20, n. 3, p. 127ss., 1980.
- 29 Günter K. F. WEHRMANN, op. cit., p. 19-25.
- 30 Cf. o que Manfred SEITZ, op. cit., p. 38s., diz sobre isso, distinguindo entre *chronos* e *kairos*: “Os acontecimentos do curso da vida subjacente aos ofícios casuais são, do ponto de vista bíblico-teológico, *kairoi*, isto é, situações críticas ou situações que exigem uma decisão, em que o ser humano é colocado. A diferença entre *chronos* e *kairos* torna isso mais claro. *Chronos* é o tempo que decorre, que está subtraído à influência humana (...) Dentro dessa trajetória existem pontos, momentos inseridos e estabelecidos por Deus nos quais o *kairos* se encontra com o *chronos*. Esses tempos dados ao ser humano para decisão, bem como seu enfrentamento bem-sucedido, são de maior importância para sua vida; vistos da perspectiva de Deus, constituem chamados para a graça (...) Deus coloca, no curso do tempo (*chronos*), as oportunidades (*kairoi*) no âmbito de disponibilidade de suas criaturas (...) Em Jesus Cristo ele se apresentou como o Deus gracioso (...) e se colocou como *kairos* no curso do tempo histórico que passa. Desde então, todos os momentos podem ser relacionados com ele e ser tomados e enfrentados como chamado para a graça. Nos ofícios da Igreja Deus quer aparecer como o Deus gracioso. Dizer e testemunhar isto é tarefa da teologia”.
- 31 ID., *ibid.*, p. 39.
- 32 Cf. Walter ALTMANN, op. cit., p. 127s., 137ss.
- 33 Cf. Harald MALSCHITZKY, op. cit., p. 157-162.
- 34 Posição semelhante é defendida por Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, Valburga S. STRECK, op. cit., p. 148ss. Sob o título “Família e Igreja”, no capítulo final de seu livro, eles tecem considerações sobre a relação entre Igreja e família, destacando que o aspecto que mais determina essa relação é o ciclo de vida da família. Por isso, ao detalharem uma proposta de trabalho comunitário centrado no ciclo da vida, fazem-no em torno desses quatro ofícios que também estão no centro de nossa atenção: casamento, Batismo, confirmação e enterro.
- 35 Cf. acima nota 29.
- 36 Cf. Rudolf BOHREN, *Unsere Kasualpraxis — eine missionarische Gelegenheit?*, 3. ed., München : Chr. Kaiser, 1968 (Theologische Existenz heute, 147). Diante da proposta de se aproveitar os ofícios como a oportunidade missionária, Bohren chega a afirmar que, por causa da prática

existente nas comunidades alemãs em que todos querem a presença da Igreja nos ofícios, mas no mais não se interessam pela Igreja, por isso as pregações nos ofícios, ao invés de anunciar o querigma, transformam Cristo em Baal. E por não anunciarem o Cristo vivo, não são gerados cristãos vivos, mas cristãos mortos (p. 19). Por isso Bohren não acredita numa revitalização dos ofícios com base numa simples melhora da pregação nessas oportunidades. “Não creio que a prática dos ofícios casuais tenha condições de se restabelecer a partir do anúncio do querigma no ofício. A prática dos ofícios casuais caiu em descrédito como prática. Por isso deve ocorrer uma mudança nesta prática” (p. 23).

- 37 Cf. a proposta semelhante de Richard RIESS, op. cit., p. 76, que também fala de três aspectos em relação aos ofícios casuais: a) diálogos poimênicos antes e depois do ofício; b) a pregação durante o ofício; c) todo o desenvolvimento litúrgico do ofício, entendido como comunicação integral, e que dá sustentação ao diálogo poimênico e à pregação.
- 38 IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, *Nossa fé — nossa vida* : um guia de vida comunitária em fé e ação, p. 22.
- 39 “Celebrar e Viver” é a versão brasileira de um projeto desenvolvido nos Estados Unidos da América sob o lema “Caring Community” e que, na Alemanha, de onde veio para o Brasil, leva o nome “Gottesdienst leben”. Trata-se de um programa em que se busca vivenciar bem concretamente a relação muito íntima entre o culto dominical e a vida diária. São diversos encontros que seguem seis passos marcantes da liturgia: acolhida e invocação; confissão e absolvição; anúncio da Palavra; resposta em forma de confissão de fé; ofertas e intercessão; comunhão eucarística.
- 40 Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, Valburga S. STRECK, op. cit., p. 162.
- 41 Cf. Wilfrid BUCHWEITZ, op. cit., p. 97.
- 42 Cf. para tal Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, Valburga S. STRECK, op. cit.
- 43 Cf. Richard WANGEN, A assistência pastoral no rito de sepultamento, in: *Ofícios, Suplemento 2*, p. 83-90; Manfred JOSUTTIS, op. cit., p. 199-219; Manfred SEITZ, A teologia face à morte, in: ID., *Prática da fé*, op. cit., p. 106-110.
- 44 Cf. Lothar C. HOCH, Acompanhamento pastoral a moribundos e enlutados, in: *Ofícios, Suplemento 2*, p. 58-82; Howard CLINEBELL, *Aconselhamento pastoral*, São Leopoldo/São Paulo : Sinodal/Paulinas, 1987, p. 211-234; Gary COLLINS, *Aconselhamento cristão*, São Paulo : Vida Nova, 1985, p. 342-355; Christoph Hürlimann, *Você partiu...*, São Leopoldo : Sinodal, 1990.
- 45 Cf. Lothar C. HOCH, op. cit., p. 75ss.
- 46 Lilian L. DECKER, Uma experiência em pastoral urbana, *Pastoral Urbana* : Caderno de Estudos da RE IV, São Leopoldo, n. 2, p. 34, 1992.

Martin Volkman
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS